



## Universidades Lusíada

Rapaz, Virgílio José, 1942-

### **Kaldor e Galbraith : 1.º cenário**

<http://hdl.handle.net/11067/5271>

<https://doi.org/10.34628/jfec-xw51>

#### **Metadados**

<b>Data de Publicação</b>	2008
<b>Palavras Chave</b>	Kaldor, Nicholas, 1908-1986 - Crítica e interpretação, Galbraithl, John Kenneth, 1986-2006 - Crítica e interpretação, Economia - História
<b>Tipo</b>	article
<b>Revisão de Pares</b>	Não
<b>Coleções</b>	[ULL-FCEE] LEE, n. 08 (2008)

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-05-17T10:20:17Z com informação proveniente do Repositório

EFEMÉRIDES

**KALDOR E GALBRAITH**

(1.º CENTENÁRIO)

*Virgílio Rapaz*

Director da Faculdade de Ciências da Economia  
e da Empresa,  
Universidade Lusíada

## 1. Introdução

Com estas linhas pretende-se somente deixar testemunho escrito sobre a obra de dois economistas, nascidos em 1908, Nicholas Kaldor e John Kenneth Galbraith<sup>1-2</sup>, ambos já falecidos, respectivamente, em 1986 e 2006. Atendendo à conotação mais vincadamente astronómica/astrológica do termo no plural, talvez o texto se devesse abrigar, para se evitar interpretações menos apropriadas, sob o título de “dupla efeméride”. Em qualquer caso, o seu objectivo é prestar tributo a dois vultos reputadamente importantes da História do Pensamento Económico, embora a apreciação não seja unânime. Não se procura proceder a uma tentativa de se produzir uma análise mais ou menos exaustiva da contribuição dos dois autores, mas apenas relevar, a traços largos, as suas ideias principais, buscando-se detectar elementos de aproximação e de separação entre eles, tendo sempre presente a última das “*Concluding Notes*” de Keynes na “Teoria Geral”: “*Practical men, who believe themselves to be quite exempt from any intellectual influences, are usually the slaves of some defunct economist*”. E, acrescente-se, nem sempre elas são efémeras!

## 2. Apontamentos biográficos

Kaldor e Galbraith partilham a circunstância de se terem notabilizado em países diferentes dos originais. Kaldor veio ao mundo em Budapeste, mas foi aluno em Berlim e terminou os estudos universitários em Londres, ficando profissionalmente ligado ao Reino Unido. Galbraith nasceu no Ontário, Canadá, mas formou-se e doutorou-se (em Economia Agrícola) na Califórnia, E.U.A.. Ambos acabaram por obter a cidadania dos Estados de acolhimento. Kaldor

---

<sup>1</sup> A referência comum a ambos segue sempre uma ordem estritamente cronológica: Kaldor nasceu alguns meses antes de Galbraith. Em terminologia enológica, 1908 foi, igualmente, um ano “vintage” no âmbito das Artes, com o nascimento de Herbert von Karajan e Manoel de Oliveira.

<sup>2</sup> Uma visão de conjunto da vida e da obra de cada um deles está disponível, por exemplo, respectivamente, em Thirwall (1987) e Stanfield (1996). Acrescente-se que um conhecimento mais detalhado da prolífica actividade publicista de Kaldor pode ser obtido nos seus “*collected economic essays*” (Kaldor, 1980).

começou por leccionar na London School of Economics; mais tarde, em 1949, foi nomeado Professor de Economia na Universidade de Cambridge. Por seu turno, Galbraith esteve sobretudo ligado à Universidade de Harvard, como Professor de Economia, desde 1949. Poder-se-ão ter cruzado em 1937 (um ano depois da publicação da “Teoria Geral”) durante a permanência deste no país de residência daquele. Ambos foram fortemente influenciados por Keynes na sua ruptura com os “clássicos”, pelo que, com frequência, os encontramos integrados, genericamente, nos chamados “pós-keynesianos”, embora com alguma qualificação diferenciadora como se verá ao se analisar as suas obras.

Durante a 2.<sup>a</sup> Grande Guerra Mundial, Kaldor participou como conselheiro do Partido Trabalhista, na Oposição, ajudando a formular o programa económico que lhe permitiria regressar ao Poder, após o cessar das hostilidades; então, assumiu o cargo de Director da Investigação e Planeamento da Comissão Económica para a Europa da O.N.U.. Durante esse conflito, Galbraith, também politicamente à esquerda, foi Director-Adjunto do “Office of Price Administration”, com a tarefa de impedir a inflação de dificultar o esforço bélico, e, ainda, um dos responsáveis dos “Strategic Bombing Surveys” da Europa e do Japão, favorecendo o segundo alvo. No imediato pós-guerra, Kaldor foi Conselheiro das Administrações na Alemanha e no Japão.

As ligações políticas mantiveram-se ao longo das suas vidas: Kaldor voltando a ajudar o Labour, chegando mesmo a Conselheiro do “Chancellor of the Exchequer”, Galbraith aconselhando os Democratas em geral e, em particular, o Presidente Kennedy, por quem acabaria por ser nomeado Embaixador na Índia (1961-3). Kaldor percorreu um tradicional caminho académico, muito respeitado, figura de proa, com Joan Robinson, dos pós-keynesianos britânicos, publicando numerosos artigos e vários livros. Galbraith, igualmente muito prolífico, com vasta bibliografia, incluindo obras de divulgação, mas mais polivalente, senhor de convicções vivamente expostas, envolveu-se em muitas polémicas, que lhe valeram algumas opiniões pouco lisonjeiras, que, no entanto, não impediram que alcançasse a presidência da respeitada “American Economic Association” (1972).

### 3. Obra

Kaldor e Galbraith não se limitaram à teoria económica. Procuraram, também, sobretudo passados os anos de juventude, contribuir para o exercício de uma política económica intervencionista, genericamente influenciados por Keynes.

### 3.1. *Kaldor*

Kaldor conferiu particular relevância à política fiscal, tendo sido nomeado para a “Royal Commission on the Taxation of Profits and Income”, onde defendeu, sem conseguir fazer prevalecer os seus pontos de vista, o primado da tributação sobre a despesa em relação à sobre o rendimento (Kaldor, 1955), por entender que este não media adequadamente a capacidade do contribuinte para financiar as receitas fiscais e desencorajava a poupança. No tocante à “*expenditure tax*”, tentou a sua implementação em países, nomeadamente em vias de desenvolvimento, cujos Governos aconselhou, entre outros a Índia, Sri Lanka e Guiana, mas sem grande sucesso. Perturbações sociais nos dois primeiros levaram a que a concretização das suas recomendações tivesse sido abandonada e, mesmo abalado as convicções de Kaldor. Posteriormente, numa abordagem mais estrutural, preconizou um sistema fiscal concebido com a preocupação de apoiar determinados sectores de actividade, como veículo para o crescimento económico em geral. Neste domínio, destacou a importância dos rendimentos crescentes à escala, em particular na indústria, no processo do “*economic growth*”, invocando a existência de regularidades empíricas ligando produção industrial, produtividade e crescimento económico. Complementarmente, insistindo nas suas preferências pelo instrumento fiscal, propugnou um “*selective employment tax*”.

A um nível mais agregado, Kaldor introduziu alguns desenvolvimentos no conhecido “modelo Harrod-Domar” de crescimento económico, nomeadamente, considerando a possibilidade de o comportamento macroeconómico da poupança ser adaptativo e enfatizando a importância do progresso técnico. Nos anos 70, com a inflação a ganhar terreno nas preocupações dos economistas, Kaldor dedicou-lhe especial atenção. Aliás, o seu interesse pela problemática remonta à hiper-inflação alemã de 1923. Defendeu a intervenção pública, no contexto de uma política de rendimentos para controlar a subida generalizada dos preços, mediante a participação governamental no processo de negociação salarial, tentando conciliar os interesses divergentes das diferentes actores económicos, ou, numa situação mais extrema, o congelamento de preços e salários. Em termos de posicionamento teórico, Kaldor foi um firme opositor do que chamou “*The scourge of monetarism*” (Kaldor, 1982), por razões genéricas, enquadradas na velha oposição “abstenção-intervenção” em política económica, temperada pela querela “keynesianos-monetaristas”, mas também por fundamentos de natureza operacional.

Kaldor, na sua carreira académica, foi um continuado prosélito da chamada “*Post Keynesian School of Economics*”, de que fora fundador. Esta designação não deve ser entendida apenas num sentido de sequência temporal, mas antes como uma recusa da “síntese neo-clássica contemporânea” (Samuelson e Solow são dois expoentes), que tenta recuperar Keynes, inserindo-o na linha antes predominante, marshalliana. Kaldor, Robinson e correlegionários perfi-

lham, pelo contrário, que as ideias de Keynes são, assim, atraídas, pois elas representam uma ruptura com o passado, com a receita geral do funcionamento regular dos mercados como via para economias em equilíbrio. Aliás, para que não restem dúvidas, Kaldor recorreu a expressões como *"the irrelevance of equilibrium economics"* e *"economics without equilibrium"* (Kaldor, 1985).

### 3.2. Galbraith

Galbraith, na linha do pensamento dos anos 30 sobre concorrência imperfeita (protagonizada por Chamberlin e Robinson), partiu de uma posição de forte crítica à teoria económica marshalliana, introduzindo na análise a noção de poder económico para a adequada compreensão do mundo real. Em primeiro lugar, Galbraith (1958) preocupou-se com o poder das grandes empresas sobre os consumidores, negando a sua soberania. A influência da publicidade cria efeitos de dependência, conduz os consumidores a decisões que exorbitam da racionalidade da procura, segundo a teoria então predominante. Galbraith aproxima-se, assim, da visão de Veblen (1899), acolhendo ideias aparentadas ao seu *"conspicuous consumption"*, mesmo que porventura materializado em bens ostensivos, frívolos. As empresas, naturalmente, produzem esses bens, que lhes proporcionam lucros, com sacrifício da obtenção de bens públicos, situação que, nas *"affluent societies"*, pode conduzir, nas suas palavras, a uma concomitância entre *"private affluence"* e *"public squalor"*. Donde, segundo Galbraith, a necessidade de uma intervenção reforçada do Governo para fornecer esses bens públicos, vale dizer, é necessário um recurso acrescido à tributação, retirando poder de compra aos consumidores em geral a favor do Orçamento do Estado, possibilitando satisfação ampliada das necessidades públicas. Claro que esta visão não deixou de ser criticada, acusada de enfermar de uma crença excessiva no efeito de dependência (Hayek) ou de uma abordagem paternalista, se não mesmo aristocrática (Friedman).

Mais tarde, Galbraith (1967) examinou a questão do poder no interior das próprias empresas, caracterizadas pelo anonimato capitalista, notando que elas são dirigidas não pelos seus proprietários, mas pelos seus gestores/administradores, a que chama *"the technostructure"*. Mais uma vez a influência de Veblen, que já tinha salientado a oposição entre *"capitalistas"* e *"engenheiros"* (a *"tecnocultura"* de então), bem mais importante que a existente entre os *"capitalistas"* e os *"proletários"* marxistas. Segundo Galbraith, a actuação das grandes empresas monopolísticas não visa maximizar os lucros dos accionistas, mas antes tornar, com a ajuda da publicidade, os mercados *"more reliable and predictable"* (também usa, a propósito, a expressão *"planning system"*), controlando-os, de modo a reduzir a incerteza e o risco de investimento em novas tecnologias. Neste contexto, a *"tecnocultura"* preocupa-se prioritariamente com a sua própria sobrevivência e crescimento e demonstração de virtuosismo técnico.

No discurso inaugural da sua Presidência da “American Economic Association”, Galbraith insistiu nestas ideias, criticando os colegas economistas, que não reconheciam o papel do poder económico, e os políticos que lhe cediam, em vez de defenderem os interesses públicos de maneira mais aprofundada. Explorou este aspecto da intervenção do Estado em defesa do “*public purpose*” em Galbraith (1973). Autor polifacetado, consagrou alguns livros à História Económica em geral, com um certo destaque para as questões monetário-financeiras, ou a certos eventos, por exemplo, “*The Great Crash 1929*” (Galbraith, 1954). Galbraith inseriu-se na corrente do institucionalismo americano, que privilegia os múltiplos aspectos culturais e políticos (como “*an umbrella*”), na explicação do comportamento dos agentes económicos e do desempenho global da Economia. Na linha de Veblen, ele próprio influenciado pelos historicistas britânicos, e de Mitchell, esta abordagem acabou por ter os seus méritos reconhecidos, ao ver dois dos seus seguidores galardoados com o “Prémio Nobel da Economia”<sup>3</sup>: Coase (em 1991) e North (em 1993).

### 3.3. Aproximações

Para além da caracterização genérica de terem sido influenciados por Keynes, a expressão “pós-keynesianos”, no sentido que clarificámos a propósito de Kaldor, não é extensiva a Galbraith, nitidamente mais enquadrável na corrente institucionalista. Ambos partilham, no entanto, uma posição firme sobre a irrelevância da teoria económica tradicional, pré-keynesiana e ignorante da concorrência imperfeita, com destaque para a importância das noções de desequilíbrio e de poder, no caso, respectivamente, de Kaldor e de Galbraith. Em termos de política económica, são nitidamente intervencionistas, com uma assumpção clara do papel indispensável da política fiscal em geral, na linha tradicional de Keynes e, em particular, por um lado, para um apoio global à poupança e à reestruturação da economia, no caso de Kaldor, por outro, para permitir uma re-orientação da produção a favor de bens e serviços públicos, também como parte de uma estratégia de “*countervailing power*” perante as grandes empresas, no caso de Galbraith.

Curiosamente, ambos concederam bastante atenção à política de rendimentos e preços. No tocante à problemática da redistribuição, invocaram a diferenciação keynesiana das propensões marginais a consumir dos diversos escalões de rendimento. No respeitante aos preços, a sua vivência profissional atesta o interesse pela problemática. Aliás, no caso do norte-americano, as suas ideias

<sup>3</sup> Em rigor, não se trata de um “Prémio Nobel” no sentido estrito do termo, criado pelas disposições testamentárias de Alfred Nobel, mas antes de “*The Sveriges Riksbank Prize in Economics in Memory of Alfred Nobel*”, atribuído apenas desde 1969.

conduziram mesmo a mais um livro (Galbraith, 1952), em que contra-argumenta contra a habitual defesa das virtudes dos preços dos mercados livres, na adequada afectação de recursos, notando que, no mundo real, predominam os preços fixados por empresas oligopolísticas, conjuntamente, no caso dos salários, com poderosos sindicatos.

Os problemas do desenvolvimento económico nos países menos afluentes não é preocupação cimeira dos autores, apesar das consultas de Kaldor e da “passagem pela Índia” de Galbraith. Os seus nomes raramente aparecem nos manuais de “*development economics*”. Finalmente, uma derradeira aproximação: nenhum dos dois “centenários” foi “nobelizado”!<sup>4</sup>.

#### 4. E a posteridade?

A avaliação das contribuições dos dois autores é bastante distinta consoante o analista. O nosso universo de observação privilegia alguns dos manuais de história do pensamento económico mais utilizados. Assim, Blaug (2002), britânico, cita Kaldor uma meia dúzia de vezes, com referências avulsas a algumas das suas ideias, tais como, dinamismo técnico, distribuição do rendimento, critérios de compensação em economia de bem-estar... Quanto a Galbraith, apenas uma menção à sua preferência por bens públicos e outra à influência (remota) do “estado estacionário” de John Stuart Mill.

Por seu turno, Ekelund e Hebert (2007), americanos, ignoram Kaldor e salientam o papel de Galbraith como “*the institutionalists’ popularizer*” (ocupando quatro densas páginas), com destaque para o poder compensador e o desequilíbrio social nas economias afluentes.

Brue (2000), também americano, nomeia Kaldor um par de vezes, sublinhando os citados critérios de compensação em economia do bem-estar e o seu papel aglutinador na corrente “pós-keynesiana” (em sentido estrito). Por seu turno, Galbraith merece-lhe logo uma chamada de atenção genérica na introdução, seguida, mais tarde, de seis páginas inteiras, com as suas contribuições.

O francês Deleplace (2007) mostra solidariedade continental, europeia, ao citar Kaldor, pelo menos sete vezes, no contexto da discussão das repercussões do pensamento de Keynes. E omite totalmente o nome de Galbraith!<sup>5</sup>

Baslé e outros (1989), franceses, na sua obra sobre uma fatia temporal bem mais limitada, “*les contemporains*”, têm uma visão quantitativa mais equilibrada, contemplando Kaldor e Galbraith, cada um, com cerca de seis páginas.

Pressman (2006), americano, inclui ambos na escolha dos seus “*fifty major economists*”.

---

<sup>4</sup> Se Kaldor não foi “nobelizado”, foi, contudo, nobilizado em 1974, nomeado “*life peer*”, como Barão Kaldor of Newnham (Cambridge).

Mas, para além de aparecerem ou não, com mais ou menos destaque, nas histórias do pensamento económico, não se poderá argumentar que Keynes tinha razão, por sermos, se não escravos, pelo menos influenciados por estes falecidos economistas? Afinal, quando nos referimos às dificuldades de se atingir, em simultâneo, todos os objectivos genéricos da política conjuntural, quando representamos graficamente os resultados obtidos nesse esforço, no conhecido “quadrado mágico”, estamos a seguir Kaldor. E quando constatamos, em certos países, as deficiências dos serviços públicos de saúde ou de educação, ou, mais concretamente, a vulnerabilidade das infraestruturas de defesa de Nova Orleães, perante um “Katrina”, na sequência de anos de subfinanciamento estatal de manutenção e melhoramento, não se estará perante um caso paradigmático galbraithiano de “*private affluence and public squalor*”?

### Referências bibliográficas

- BASLÉ, M. e outros (1988), *Histoire des pensées économiques. Les contemporains*, Paris, Sirey.
- BLAUG, M. (2002), *Economic Theory in Retrospect*, Cambridge, Cambridge University Press.
- BRUE, S. (2000), *The Evolution of Economic Thought*, Orlando, FL, Harcourt.
- DELEPLACE, G. (2007), *Histoire de la pensée économique*, Paris, Dunod.
- EKELUND, R., HEBERT, R. (2007), *A History of Economic Theory and Method*, Prospect Heights, IL, Waveland Press.
- GALBRAITH, J.K. (1952), *A Theory of Price Control*, Harvard, MASS, Harvard University Press.
- GALBRAITH, J. K. (1954), *The Great Crash 1929*, Boston, MASS, Houghton Mifflin.
- GALBRAITH, J. K. (1958), *The Affluent Society*, Boston, MASS, Houghton Mifflin.
- GALBRAITH, J. K. (1967), *The New Industrial State*, Nova Iorque, New American Library.
- GALBRAITH, J. K. (1973), *Economics and the Public Purpose*, Nova Iorque, New American Library.
- KALDOR, N. (1955), *An Expenditure Tax*, Londres, Allen & Unwin.
- KALDOR, N. (1980), *Collected Economic Essays*, Nova Iorque, Holmes & Meier.
- KALDOR, N. (1982), *The Scourge of Monetarism*, Oxford, Oxford University Press.
- KALDOR, N. (1985), *Economics without Equilibrium*, Nova Iorque Armonk.
- PRESSMAN, S. (2006), *Fifty Major Economists*, 2.<sup>a</sup> Edição, Londres e Nova Iorque, Routledge.
- STANFIELD, J. (1996), *John Kenneth Galbraith*, Nova Iorque, St. Martins’s Press.
- THIRWALL, A. (1987), *Nicholas Kaldor*, Nova Iorque, New York University Press.
- VEBLEN, T. (1899), *The Theory of the Leisure Class*, Nova Iorque, Mac Millan.

<sup>5</sup> Perante as escolhas destes autores, um cínico poder-se-ia questionar sobre a universalidade da validade do saber científico num mundo em que os nacionalismos continuam fortemente presentes, e, quem sabe, recordar-se das votações no “Festival Eurovisão da Canção”...